

ESPECIAL



Idéias
& Livros

JORNAL DO BRASIL

SÁBADO
2 DE SETEMBRO DE 2006
ideias@jb.com.br



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Coletânea das matérias publicadas
originalmente no JB Idéias & Livros,
em 02 de setembro de 2006,
no Jornal do Brasil.

ESPECIAL ABL ■ Modernidade é a palavra-chave na presidência de Marcos Vinícios Vilaça

AUGUSTO MALTA



Almoço solene em 1906: de pé, José Veríssimo, Olavo Bilac, Rodolfo Bernadelli, Guimarães Passos e Rodolfo Amoedo; sentados, Machado de Assis, Heitor Peixoto, João Ribeiro, Rodrigo Octavio, Inglês de Sousa, Silva Ramos, Filinto de Almeida, Valentim Magalhães, Lúcio de Mendonça, Arthur Azevedo e Sousa Bandeira

O chá é o mesmo. A Academia, não

Cláudia Nina

Quem pensa que na Academia Brasileira de Letras os imortais não fazem mais nada além de sentar-se à mesa, cuidadosamente bem posta à espera do chá das cinco, com direito a bolo-de-rolô, biscoitinhos de nozes, suspiros e mais guloseimas, ignora o dinamismo da casa e de seus ilustres ocupantes. Claro que o chá ainda existe e os acadêmicos estão lá, todas as quintas-feiras, para a solene comilança e a confraternização. Mas um burburinho cada vez maior toma conta daqueles ambientes históricos, em especial desde que o pernambucano Marcos Vinícios Vilaça assumiu a presidência, há cinco meses, disposto a tirar a Academia do casulo e romper fronteiras – da cidade, do país e do mundo.

Ministro do Tribunal de Contas da União, Vilaça tem colocado em prática as palavras de seu discurso de posse: ser um continuador sem os riscos do continuísmo; inspirar-se na tradição e na modernidade – ao mesmo tempo.

– A proposta é a compatibilização da tradição com o contemporâneo. Uma aliança de Niemeyer com Aleijadinho – diz o presidente.

Na prática, a filosofia se aplica a várias frentes de trabalho, mas talvez a mais visível seja a revolução do conhecimento: um novo portal (www.academia.org.br) foi criado para divulgar tudo o que acontece na Academia, inclusive as solenidades de posse. A primeira a ser transmitida *on-line* foi a do cineasta Nelson Pereira dos Santos.

– A assistência via internet superou a daqueles que estavam aqui dentro – orgulha-se Vilaça.

A internet tem auxiliado na aproximação da ABL com a comunidade e com os objetivos das academias de outros estados e países. São muitos os projetos já realizados e outros tançados em curso. Incrementam-se as parcerias com a iniciativa privada. Seminários, colóquios e alianças são organizados. Tudo para fazer com que a Academia não seja “um *rendez-vous* com a

morte, mas um *trotoir* com a vida”, frase de Vilaça para definir o espírito do novo tempo.

– A ABL convoca a sociedade a entendê-la, a compreendê-la e a conviver com ela. É meu grande desejo. A gente compreende o que vê e medita sobre o que compreende – filosofa Vilaça.

O esforço de tornar a Academia contemporânea tem tudo a ver com a tradição.

– A vida não termina. Ela se alonga na lembrança, na memória. A vida dos acadêmicos não tem um termo real. O sentido da ABL é o de que ninguém morre. Por isso, temos o compromisso de cultivar a imortalidade dos acadêmicos – explica o presidente, que gostaria de ser lembrado, no futuro, como alguém que continuou a obra de seus antecessores, fiel à tradição. Mas sem ser manso:

– Sou um autoritário que se protege da timidez. E também audacioso. Sem audácia ninguém avança.

■ Leia e opine no **JB Online**.
www.jb.com.br/24horas



DANIEL RAMALHO

O presidente Marcos Vilaça: tradição sem continuísmo



**Academia
sai do
casulo
para
romper
fronteiras**

EVENTOS ■ Academia Brasileira de Letras oferece uma série de atividades e serviços ao público

Machado na visita guiada

Aline Nascimento

Especial para o **Jornal do Brasil**

A Academia Brasileira de Letras está de portas abertas para quem quiser conhecê-la. Diferentemente do que muitos imaginam, a ABL é uma casa dinâmica, que oferece uma série de atividades e serviços. Exemplo disso é a visita guiada pela sede da Avenida Presidente Wilson – uma réplica do Petit Trianon, pavilhão de caça de Maria Antonieta, em Versalhes. Durante o passeio gratuito, um grupo de atores conta e canta fatos curiosos sobre a vida e a obra dos acadêmicos, bem como a história da centenária instituição.

No segundo pavimento do Centro Cultural, há uma exposi-

ção permanente sobre a vida e a obra do fundador Machado de Assis. O visitante encontra exemplares do mobiliário e objetos pessoais que faziam parte do sobrado onde viveram Machado e sua mulher, Carolina, no Cosme Velho. Há uma sala de projeções, com a programação de obras audiovisuais de temática machadiana, além de um núcleo de referência, em que pesquisadores da casa, via internet, divulgam informações sobre o autor de *Dom Casmurro*.

Desde de abril, a ABL vem realizando o Seminário “Brasil, brasis”, com o intuito de promover um amplo debate sobre os caminhos da cultura brasileira. A sexta mesa-redonda – “Desenvolvimento regional: impasses,



DIVULGAÇÃO

Espaço Machado: móveis do antigo sobrado do Cosme Velho

realizações, consequências e impactos socio-culturais” – acontecerá no dia 14, no Teatro R. Magalhães Jr.

Durante todo o ano ocorrem ciclos de conferências com certificado de frequência e entrada gratuita. No dia 5, será iniciado o sétimo ciclo, que vai falar sobre “Atualidades dos estudos linguísticos no Brasil”, com a coordenação do professor Evanildo

Bechara e palestra sobre o tema: “Cada um fala como quem é”, com a professora Maria Emília Barcellos da Silva. O ciclo prosseguirá nos dias 12, 19 e 26 de setembro.

Há também mesas-redondas realizadas às quintas-feiras, na sala José de Alencar. No dia 21, será comentado o cinqüentenário de publicação de *Grande Sertão: veredas*.

Programação

Visita guiada

Dias: 2ª, 4ª e 6ª, às 14h e 16h
Informações e reservas:
3974-2526

Seminário Brasil, brasis

Dias: quintas-feiras, às
17h30
Teatro R. Magalhães Jr.

Ciclos de Conferências

Dias: terças-feiras, às 17h30
Teatro R. Magalhães Jr.

Mesas-redondas

Dias: quintas-feiras, às
17h30
Sala José de Alencar

Concertos de literatura e música de câmara

Dias: sextas-feiras, às 17h30
Teatro R. Magalhães Jr.

O teatro na ABL

Dias: 2ª e 4ª, às 15h e 11h
Teatro R. Magalhães Jr.



Perfil: nascido em Diamantina (MG), em julho de 1926, é um dos brasileiros mais conhecidos no exterior. Médico, cirurgião plástico, professor, conferencista, autor de obra especializada e memorialista, ocupa, desde 1990, a cadeira nº 22 da Academia Brasileira de Letras

“Fui criado com livros e jabuticabas”

Alvaro Costa e Silva

Devorador de obras clássicas, Ivo Pitanguy não se lembra do primeiro livro que leu na vida. Mas tem certeza de que ouviu a história contada por sua mãe. Depois de passar pela fase Monteiro Lobato, o menino Ivo mergulhou na literatura de língua portuguesa — “Machado e Alencar eram obrigatórios” — antes de ser apresentado à obra de Aldous Huxley, que se tornou uma definitiva influência. Amigo de infância de Fernando Sabino, Pitanguy lamenta não conviver mais, por absoluta falta de tempo e trabalho de sobra, com seus confrades na Academia Brasileira de Letras.

— Qual o primeiro livro que o senhor leu?

— Tive uma formação interessante. Minha mãe, que se chamava Maria Stäel, era uma pessoa extraordinária, muito humanista e sempre ligada à leitura. Então acredito que o primeiro livro que li, na verdade, eu ouvi. Ela lia para mim, todas as noites. E lia, muitas vezes, em inglês. Versos de poetas ingleses, por exemplo, que sei de cor até hoje, penso que li, mas com certeza ouvi de minha mãe.

— Havia, então, muitos livros em sua casa?

— Tínhamos uma biblioteca enorme na nossa casa da Rua Piauí, em Belo Horizonte. Havia um quintal e nele um pé de jabuticaba, que meu pai quis poupar. Fui criado, felizmente, na cultura da jabuticaba e na cultura dos livros. Atrás, ficava a biblioteca. Mas não lia por obrigação e, sim, por prazer. Acho que uma das coisas mais importantes no mundo é despertar nas crianças o prazer da leitura.

— O senhor, a exemplo de muitos brasileiros, também começou a ler com Monteiro Lobato?

— Na infância, tive uma formação de primeiros livros pautada na curiosidade universal. Evidentemente, fui lendo o meu Monteiro Lobato, que é um autor fabuloso para crianças, um dos maiores do mundo. Mas, voltando à primeira

pergunta, não me recordo do primeiro livro que li por conta própria. Depois de passar pelos clássicos de língua portuguesa — Eça de Queiroz, José de Alencar, Machado de Assis, que eram obrigatórios na época, o poeta Guerra Junqueiro — tive minha fase na literatura de língua inglesa, por influência de uma preceptora, miss Frida. Ela me apresentou a Virginia Wolff e Aldous Huxley. Muito jovem, com 15 anos, conhecia o Huxley inteiro. Quando vim para o Rio, até as cartas que escrevia tinha influência dele, notadamente do romance *Contraponto*.

— O inglês é, então, sua segunda língua?

— Desde pequeno. Gosto de línguas em geral, tanto que hoje falo seis idiomas. Eu sou como aquele sujeito que se chama Marco Polo, mas mora em Mar de Espanha.

— E autores de língua francesa?

A história de Ivo Pitanguy está diretamente relacionada com a humanização da medicina no país, a partir da criação de um centro de cirurgia plástica na Santa Casa da Misericórdia, no Rio. Sua clínica na Rua Dona Mariana, em Botafogo, é visitada por pacientes do mundo inteiro. É também notório seu apego aos esportes e às artes plásticas e, em particular, às letras. Esta entrevista ao *Idéias* apresenta como tema sua paixão pelos livros. Paixão espantosa, capaz de ter feito com que ele descrevesse em detalhes uma praça em Florença, na Itália, sem nunca antes ter posto os pés lá. Tudo fruto da memória guardada após a leitura de um romance de Anatole France.



“Sou incapaz, à noite, de ler um livro médico. Sempre pego uma novidade ou retorno aos meus clássicos: o Cícero sobre a amizade ou o teatro de Shakespeare

— Tive paixão por Anatole France. Hoje quase ninguém sabe quem é, mas se trata de um grande escritor. Um dos maiores da França, dono de extraordinária delicadeza. Um de seus livros, *Le liz rouge*, conta a história de Florença. Um dia, em plena Piazza della Signora, naquela cidade, parei e descrevi, como num sonho, a estátua equestre, junto de uma fonte, tendo ao fundo o palácio renascentista. Um amigo que me acompanhava perguntou como eu sabia tudo aquilo, se nunca havia estado ali antes. Continuei: não foi ali que morreu Savonarola? Não era aqui a fonte de Biancone? Não estava acolá Judite com a cabeça de Holofernes, feita por Donatello? Aqui o Davi, de Michelângelo? Fui nomeando tudo. Sabia porque havia lido, aos 16 ou 17 anos, o livro de Anatole France, história de amor em que um dos personagens, miss Bell, explica ao herói a beleza daquela praça.

— O senhor, desde a infância, foi amigo de Fernando Sabino.

— Do Fernando e do Hélio Pellegrino. Fomos escoteiros. Depois conheci o Otto Lara Resende e o Paulo Mendes Campos. Quando fui estudar nos Estados Unidos, perdi o contato mais íntimo com eles. Mas, com o Fernando, mantive um ótimo relacionamento até a morte dele. Coisa de mineiro, que não gosta de falar com quem não conhece direito, com quem não sabe o que é bicho de goiaba.

— O senhor se reconhece nos personagens do romance *Encontro marcado*?

— Em todos. O Fernando, quando veio para o Rio, deixou-se encantar pela boemia. Eu não podia sair toda noite com ele, pois no dia seguinte tinha de trabalhar. Lamento não ter bebido mais uísque na companhia dele. Sou uma pessoa muito policiada, mais do que deveria ser.

— O que o senhor está lendo no momento?

— Sou incapaz, à noite, de ler um livro médico. Sempre pego uma novidade — os mais recentes de Rubem Fonseca, Carlos Heitor Cony, Veríssimo, um guia de vinhos escrito pelo Renato Machado — ou retorno aos meus clássicos: o livro de Cícero sobre a amizade, Shakespeare, *Os Buddenbrooks*, de Thomas Mann.

TRADIÇÃO E MODERNIDADE ■ Repleta de preciosidades e relíquias, a Academia Brasileira de Letras



Capa do romance 'Flor de sangue', a primeira doação à Biblioteca da Academia, em 1897

Por dentro da ca

Cláudia Nina

A ABL está próxima dos objetivos de outras academias do mundo, como a francesa, por exemplo. Lá, como aqui, a Academia não abriga apenas literatos, mas os notáveis da sociedade. Esta, aliás, é uma antiga polêmica, que remonta ao tempo da idealização da casa dos imortais.

Enquanto Machado de Assis insistia na criação de uma Academia Brasileira de Letras, Joaquim Nabuco, por outro lado, defendia uma Academia Brasileira, simplesmente. Tal como aparece escrito no timbre da Casa e no alto do Petit Trianon.

Segundo o presidente da ABL, Marcos Vinícios Vilaça, insistir nesta polêmica tão longínqua é igno-

rar a história. E é por isso que Vilaça convida a comunidade a conhecer a Academia:

– Leiam os acadêmicos, acessem as informações do portal, participem dos cursos e dos seminários – convoca o presidente, referindo-se às inúmeras atividades da instituição.

Talvez pouca gente saiba, por exemplo, que todos os interessados podem se filiar ao *mailing* da ABL e receber, de graça, os lançamentos editoriais da Academia, que tem uma editora de porte médio e publica títulos que compõem as coleções Afrânio Peixoto, Austregésilo de Athayde e Antônio Morais Silva – isso sem falar nas co-edições.

Parte importante deste mundo que merece ser me-

lhor desvendado são as bibliotecas. Verdadeiras relíquias estão guardadas ali. A Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça, oficialmente inaugurada em 1905, tem hoje 20 mil volumes. Começou com a doação do romance *Flor de sangue*, por Valentim Magalhães, em 1896. Desde então, doações de coleções particulares de acadêmicos, de personalidades do mundo literário e cultural e de bibliófilos foram compondo o primoroso acervo.

Entre as obras raras, destacam-se algumas primeiras edições de obras clássicas da literatura mundial, incluindo um grande número de raridades dos séculos 16 a 20, com destaque para a edição *princeps* de *Os Lusíadas*, de 1572, e um raríssimo exemplar das *Rhythmas*, impresso em

Lisboa, no ano de 1595, de Luís de Camões.

A Biblioteca guarda ainda coleções particulares de Alberto de Oliveira, Afrânio Peixoto, Domicio da Gama, Machado de Assis, Manuel Bandeira e Olavo Bilac.

Mas não apenas livros ocupam aquele espaço, cujo acervo pode ser consultado por leitores e pesquisadores. Móveis e objetos pessoais dos escritores estão reunidos de forma a criar um ambiente de museu.

A escrivaninha de Olavo Bilac, com todos os apetrechos que o poeta usava, como seu famoso *pince-nez*, estão lá, permanentemente expostos. Há também, entre as relíquias, um fragmento da proa do Ville de Boulogne, navio em que naufragou o poeta Gonçal-

ves Dias, em 3 de novembro de 1864.

Com o tempo, a Biblioteca Acadêmica foi ficando pequena para tanta preciosidade. Começaram, então, a surgir os primeiros projetos de criação de uma nova, que finalmente foi inaugurada em 2005, nomeada de Rodolfo Garcia, o historiador potiguar, por sugestão do acadêmico Josué Montello.

Instalada no segundo andar do Palácio Austregésilo de Athayde, a biblioteca é tão moderna que tem até uma sala de multimídia, interligada com a sala de videoconferência. São aproximadamente 70 mil volumes, com obras raras dos séculos 19 e 20, num acervo especializado em filosofia, filologia, lingüística, literatura, história e ciências humanas.



Salão de leitura da moderna Biblioteca Rodolfo Garcia; a escrivaninha de Olavo Bilac, e a carta de Mário de Andrade, pertencente à coleção privada de Manoel Bandeira



Serviço

- Originais manuscritos de *Esau e Jacob*, de Machado de Assis.
- Originais de *Memorial de Aires*, de Machado de Assis.
- Original manuscrito do Hino Nacional Brasileiro, de Osório Duque-Estrada.
- Originais manuscritos de *O mulato*, de Aluísio Azevedo.

- Originais manuscritos de um capítulo de *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz.
- Ata de fundação da Academia Brasileira de Letras.
- Bilhete de Stefan Zweiger, tido como últimas páginas, possivelmente escrito no dia de sua morte.

- Originais manuscritos, não autógrafo, da adaptação para teatro do romance *A moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, feita pelo próprio autor.
- *Vida do Marquês de Pombal*, manuscrito jesuítico do séc. 18 (1780-1790).
- Negativos de vidro contendo a

reprodução de um documento que comprova ter havido uma trama para seqüestrar o nosso Imperador D. Pedro I por parte da Argentina. (Arquivo Sergio Corrêa da Costa).

- Cartas de Olavo Bilac para sua amada.
- Menus colecionados por Olavo Bilac.

as está ao alcance de quem quiser conhecer sua história e se encantar por ela



sa dos notáveis

■ Um dicionário com validade literária

Alvaro Costa e Silva

Em artigo publicado no longo ano de 1926, o filólogo e historiador sergipano João Ribeiro perguntava-se: a Academia Brasileira de Letras quer fazer um dicionário de brasileirismos – mas o que vem a ser brasileirismos? Diante da dúvida, que até hoje perdura, Ribeiro sugeria uma abordagem diversa: um dicionário cujo *corpus* (quer dizer, as abonações de textos literários) registrasse as palavras usadas por escritores brasileiros, em livros publicados no Brasil, fossem elas de qualquer procedência. Entrariam, portanto, as palavras criadas no Brasil, as portuguesas, as africanas, as estrangeiras em geral, desde que tenham veiculação nos autores daqui.

E com base nesta ideia de João Ribeiro – um intelectual, também acadêmico, hoje esquecido – que trabalha, há quatro anos, a comissão de lexicografia da ABL para levantar o *Dicionário da língua portuguesa do Brasil*.

– Não pretendemos fazer um dicionário para concorrer com os que estão por aí. Isto significa que o nosso não será exaustivo. Não terá os 160 mil verbetes do *Aurélio*, nem os 230 mil do *Houaiss* – explica o acadêmico

Evanildo Bechara, que integra a comissão ao lado de Eduardo Portella e Alfredo Bosi.

O novo dicionário da ABL, ainda sem prazo de conclusão, terá em torno de 80 a 100 mil verbetes:

– Nossa intenção é garantir que a palavra que entrar no dicionário está documentada, tem a validade e o apoio de literatos brasileiros – completa Bechara, que comanda uma equipe

O banco de dados terá, inicialmente, cinco mil obras. Entram nele autores desde o século 16, com ênfase nos dos séculos 19 e 20 (em especial, a partir da década de 50).

A ideia de um dicionário que reflita a norma culta, e que se diferencie dos demais por ser ilustrado por exemplos literários, é uma característica atual, facilitada pelo advento da informática. Um bom parâmetro, com o qual trabalha a ABL, é o *Oxford*, de língua inglesa.

– Antigamente, o dicionarista registrava a palavra e só depois ia procurar o que havia nos autores. Quando ele não achava uma abonação que lhe satisfizesse, dava o significado e um exemplo aleatório e pessoal. Hoje fazemos os levantamentos das palavras que vão constituir os lemas e, aí sim, procuramos os diversos sentidos que a palavra tem, de acordo com cada contexto. É um trabalho de microscopia lexicográfica – define Bechara.

Os trabalhos da comissão não se restringem ao grande dicionário. No fim do ano que vem, será publicado o *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras*, para alunos de 1º e 2º graus, com as 30 mil palavras mais usuais da língua e acepções mais importantes.

O banco de dados terá cinco mil obras, com a inclusão de autores desde o século 16

formada pelos lexicógrafos Sérgio Paxá (também responsável pelo serviço da ABL de respostas a dúvidas sobre língua portuguesa via internet e telefone), Claudio Mello Sobrinho, Dylma Bezerra, Ronaldo Menegaz e Angela Montez. Completam o setor, que funciona no moderno anexo ao Petit Trianon, cinco revisores e quatro digitadores.

– É pouco. Precisamos de mais gente, para que o trabalho possa render e possamos fixar uma data para sua conclusão – queixa-se Bechara.



Fazem parte do acervo da Biblioteca Acadêmica primeiras edições de obras clássicas, como a de 'Os Lusíadas', de 1572



- Originais manuscritos de *A estrela sobe*, de Marques Rebelo.
- Correspondência entre Magalhães de Azeredo e Machado de Assis.
- Contratos de Machado de Assis com as editoras Garnier e Laemmert.
- Um daguerreótipo e dois



O acadêmico Evanildo Bechara (à direita, de óculos) comanda o setor de lexicografia

- ferrótipos.
- Contrato de Euclides da Cunha com o seu editor para a primeira edição de *Os sertões*.
- Colaboração dos acadêmicos para a confecção dos estatutos e regimentos da Academia Brasileira de Letras.
- *Memórias*, de Visconde de

- Taunay (originais manuscritos).
- Livros de presença de acadêmicos às sessões.
- Documentos pertinentes à doação do Petit Trianon para a Academia.
- Pedido de inscrição de Juscelino Kubitschek como candidato a uma vaga na Academia.
- Pedido de "jeton", formulado por

- carta, por Getúlio Vargas.
- Documentos relativos à herança de Francisco Alves para a Academia.
- Pedido de inscrição de Rachel Queiroz como candidata a uma vaga na Academia.
- Coleção privada de Manuel Bandeira

Wilson Martins CRÍTICO LITERÁRIO



O processo civilizatório



O ESTUDO DE ALBERTO DA COSTA E SILVA sobre a África antes dos portugueses (*A enxada e a lança*. Rio/São Paulo: Nova Fronteira/ EdUSP) é um daqueles livros que já nascem clássicos, no sentido de que, situando-se no plano das grandes obras universais, conquistam desde logo um lugar permanente e definitivo em qualquer biblioteca de cultura. É uma história da civilização dos primórdios ao ano de 1500, pelas perspectivas em que a civilização precisamente se iniciou, se pensarmos que os “achados científicos apontam para a África do sul do Saara como a região onde surgiu o homem, o animal fazedor de instrumentos” – a que as civilizações por assim dizer necessariamente derivadas dessas épocas obscuras acrescentariam, aos instrumentos de domínio físico sobre o mundo físico, os instrumentos de domínio intelectual sobre o mundo, ou seja, a escrita e o livro.

A intuição de Darwin sobre as origens do homem propõe a metáfora perfeita de todo o processo: “Cada espécie vai-se fazendo imperceptivelmente na que vai substituí-la. Por isso é que se diz nunca ter havido um primeiro homem”. Tampouco existiu a primeira escrita, nem o primeiro

livro, nem a primeira biblioteca: ao contrário do que se crê e escreve, os sistemas de escrita, de livro e de biblioteca não “evoluíram” uns dos outros, não se relacionam por derivações e aperfeiçoamentos sucessivos. Trata-se de invenções independentes entre si, assim como o automóvel não surgiu “por evolução” da carruagem de cavalos. Ninguém inventou a escrita: inventaram-se em lugares e momentos diversos (ignorando-se mutuamente entre si) os sistemas de escrita pró-

Costa e Silva registra que a Núbia, recebendo o cristianismo, recuperou o uso da escrita após 300 anos

prios e possíveis em cada civilização, tanto mais autônomos quanto nenhum deles poderia “adaptar-se” a tipos diferentes de mentalidade: “A ‘evolução’ da escrita é uma vista puramente teórica e lógica que se lança sobre episódios muitas vezes contemporâneos, mas desligados entre si. Nada indica, com efeito, que a escrita ideográfica tenha

sido inventada por homens que não mais se satisfaziam com a escrita pictográfica, e menos ainda que a escrita fonética tenha nascido de uma consciência da insuficiência dos sistemas ideográficos. Não há, entre esses sistemas, nenhuma sucessão necessária no tempo. (...) E a prova é que até hoje sistemas pictográficos e ideográficos se perpetuam. (...) É importante, por consequência, abandonar de uma vez para sempre a idéia de uma ‘evolução’ da escrita: há ‘evolução’ dentro de cada sistema, maior ou menor conforme os casos, mas não de um sistema para outro.” (W. M. *A palavra escrita*, 1957)

Acresce que o processo civilizatório não é homogêneo nem contínuo, muito menos auto-aperfeiçoativo. Assim, cada “fase” não é necessariamente mais “avançada” do que as anteriores. Há quem pense, por exemplo, que, na Nigéria, a arte antiga de Ifé – povos a que Alberto da Costa e Silva dedica um capítulo – é mais “evoluída” que a arte negra contemporânea (V. Régis Debray. *Vie et mort de l’image*, 1992). O gráfico do processo civilizacional é irregular, incoerente e fragmentário. Alberto da Costa e Silva registra que a Núbia, recebendo o cristianismo, recuperou o uso da escrita após um hiato de 300 anos – não sendo, entretanto, em meroíta que se grafa, mas em grego, em copta e – o que é mais importante – em núbio antigo, que sintomati-

camente adotara como forma escrita o alfabeto grego modificado, na sua forma copta, com a adição de três signos novos.

A história da civilização, na África ou em qualquer outro continente, é repleta de “talvezes”, “hipóteses”, “versões” e “conjeturas”, não sendo, aliás, a escrita que haja eliminado todas as dúvidas (antes pelo contrário). Há avanços, mas há também inexplicáveis regressões ou persistências, como a violência que sempre acompanha a convivência. Nesse particular, os moradores do Rio de Janeiro poderiam adotar o modelo arquitetônico de habitação implantado na Núbia Inferior a partir do século 12: “As paredes engrossam. Os aposentos internos das moradas deixam de comunicar-se com a sala de frente: a eles só se tem acesso por um alçapão dissimulado no teto. A própria planta das habitações vai-se complicando, seguindo uma inventiva guiada pela necessidade de ocultar e, possivelmente, proteger. As casas de dois andares, por exemplo, passam a não ter porta no rés-do-chão, mas tão-somente no primeiro andar, a que se chegava por uma escada retrátil. Subia-se ao primeiro andar, e dele se descia por uma ou mais escotilhas, para o pavimento inferior. Tudo é cheio de câmaras escondidas, de passagens labirínticas, de quartos fechados”.

Mas, claro, os nativos da Núbia Inferior eram uns bárbaros. Bárbara, igualmente, era a China, que, dominando as navegações oceânicas desde o início do século 15, dispozia de melhores navios e ciência náutica mais adiantada, maiores recursos humanos e econômicos, destinava-se, em princípio, a ser “senhora do mar sem fim”, em lugar e antes dos portugueses. Por uma espécie de “reserva de mercado” mental, o imperador Hung-Hsi, assumindo o poder em 1424, aboliu as viagens marítimas, assim liberando o país de todas as nefastas contaminações estrangeiras. Os chineses optaram pelo “imobilismo social e cultural”, protegendo, “pelo isolamento, uma civilização requintada”; pode-se imaginar que também se livraram de tecnologias estranhas, criadas pelos bárbaros de além-mar. Os quais bárbaros, ao contrário, souberam incorporar muito bem, em proveito próprio, as tecnologias inventadas pelos chineses.

GRAÇA ■ Observador da sociedade do fim do século, Urbano Duarte fez a crônica informal da ABL



Machado de Assis

O bom humor na Academia



Coelho Neto

Cícero Sandroni
Jornalista, secretário-geral da ABL

Nas primeiras conversas entre Lúcio de Mendonça, Medeiros de Albuquerque e Machado de Assis para organizar o quadro de fundadores da Academia Brasileira de Letras, em 1897, surgiu o nome de Urbano Duarte. Irônico observador da cena nacional do fim do século, muitas vezes sarcástico, Urbano Duarte era um humorista que, por ser capaz de rir de si mesmo, aceitou o convite para integrar o grupo dos fundadores da ABL, talvez por insistência de seu amigo Artur Azevedo.

Urbano escolheu para patrono de sua cadeira, a de número 12, José Joaquim França Júnior, hoje ocupada por Alfredo Bosi. Autor de revistas e comédias, França Júnior, na companhia de Artur Azevedo e Urbano, formava o bloco da graça e do espírito alegre, sempre a rir das pequenas misérias humanas e dos enfatuados donos do poder.

Iconoclastas e desafiadores, capazes de perder um amigo ou um emprego por uma boa piada, sempre rindo, conforme diz Alfredo Bosi, "do janota de brilhante cheirando a heliotropo", eles legaram à posteridade o cenário da vida do Brasil monárquico, monocultor, escravista e católico da segunda metade do século 19, fiéis ao provérbio latino *ridendo castigat mores*.

Dois deles morreram cedo: França Júnior, aos 52 anos, e Urbano, dois dias depois de completar 47 anos. No entanto, no curto espaço de tempo em que viveram,

eles marcaram a vida com alegria e bom humor. Ao suceder Urbano na cadeira número 12, Augusto de Lima comentou que, "diante das sombras joviais de França Júnior e Urbano Duarte", sentia-se como "um epitáfio choroso de duas memórias alegres, sem substituição possível: estranho paradoxo em que a alegria ficou com os mortos e só com o vivo a tristeza".

O humorismo de Urbano, por vezes cáustico, revela o crítico implacável das hipocrisias da sociedade brasileira do fim do século 19. Aqui vai apenas um pequeno trecho, de espantosa atualidade: "A carreira política, única que no Brasil leva os homens a posições conspícuas e altamente remuneradas, exige dos seus candidatos unicamente o seguinte: memória suficiente para guardar uns tantos clichês de retórica parlamentar adaptáveis a todas as situações e circunstâncias imagináveis, bastante loquacidade para emitir com máxima galhardia exata-

ticos do seu tempo, Urbano compara-os com os literatos: "Entre os políticos e os literatos nota-se uma diferença – os primeiros, quando pertencentes a partidos diferentes, fazem-se oposição na tribuna parlamentar, vibram-se mutuamente inyectivas, doestos e sarcasmos, mimoseiam-se com epítetos mal soantes, (...) esbravejam tanto que o zé-povinho das galerias pensa serem inimigos figadais e irreconciliáveis. Mas, quem os acompanhar fora do recinto, verificará com pasmo que os tais são bons amigos, geralmente saem dali aos abraços e vão jantar em companhia. Com os literatos dá-se o contrário. Beijam-se a abraçam-se nas colunas da imprensa, dizem-se toda a sorte de amabilidades, mas em saindo dos domínios da letra redonda... isto é, nos conciliábulos literários de fundo de botiquim, causa horror ouvir o que expectoram de cobras e lagartos sobre a reputação dos seus confrades em letras! Os que nas folhas do dia teceram adjetivos encomiásticos aos colegas, passam-lhes à boca pequena diplomas de parvos, néscios, pretensiosos et reliqua".

Urbano reunia-se com amigos no restaurante Rabelais para jantares nos quais pontificava Coelho Neto. Certa ocasião, a propósito de estilo, alguém se lembrou de fazer apologia da forma. Segundo o testemunho do próprio Coelho Neto, Urbano, pondo-se de pé, discorreu:

"Não concordo. A crônica deve ser um flagrante da vida e eu desafio a todos vocês a que me apresentem um homem, seja uma besta ou um gênio, que na intimidade fale essa linguagem que vocês lhe emprestam. (...) Vocês só apresentam tipos endomingados, num estilo de sobrecasaca e cartola, com muita água de colônia no lenço e muita severidade nos modos. Vocês não conhecem o homem – o homem é isso que descrevo (...). Vocês inventaram essa história da 'tristeza do povo' e aferiram-se a ela. O brasileiro não é triste. O brasileiro é o povo mais pândego do mundo".

O cronista que não hesitava em castigar, com um sorriso nos lábios, a sociedade de sua época, fiel ao seu estilo, morreu em pleno carnaval. Teve vida breve e passagem rápida na Academia: faleceu a 10 de fevereiro de 1902, um pouco depois de completar 47 anos, deixando viúva e cinco filhos menores.



Artur Azevedo propôs Urbano para o grupo dos fundadores

mente o contrário do que pensa e sobretudo a suprema astúcia de nunca se deixar examinar por quem quer que seja (...) mas sem essas falsas roupagens de eloquência e patriotismo somente veremos o espetáculo repugnante do conflito das ambições, do filhotismo, dos pequeninos interesses, dos apetites ferozes, da intriga, da maledicência e da calúnia".

Depois de descrever os polí-